



Conversas
com valor 

Cláudia Rocha Silva

Tem 46 anos, um sorriso que nos cativa e uma paixão pela profissão que se sente em cada palavra. A Enf.^a Cláudia recebeu-nos nos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian, um local que lhe diz muito pois foi ali que iniciou o seu percurso em enfermagem.

Está no Instituto Português de Oncologia de Lisboa há 25 anos pois “precisava de um local onde sentisse que podia fazer a diferença. Um sítio mais pequeno, onde sentisse que havia mais proximidade com as pessoas de quem cuido. E é assim que aparece a oncologia.”

Neste percurso de descoberta, a estomaterapia surge entre as várias possibilidades, pois decide trabalhar no serviço de Especialidades Cirúrgicas do IPO de Lisboa, onde teve logo contacto com a especialidade de urologia e de ginecologia. Esta escolha permitiu um contacto imediato com doentes cirúrgicos que ficavam com ostomias e assim foi-se apercebendo de que esta era uma área aliciante, não só pelo contato próximo que tinha com o utente, mas também pelo impacto que as suas ações tinham junto destes: *“perceber que o estado de ansiedade e o desconhecimento que o doente tinha em relação à ostomia podia ser atenuado e que a minha intervenção contribuía para que a alta destes doentes fosse mais tranquila e segura foi o que, inicialmente, me cativou na área das ostomias.”*

Este desejo de fazer a diferença aliado ao facto de ter uma personalidade empreendedora, fizeram com que, com apenas seis anos de experiência seja convidada a reestruturar e coordenar o ambulatório de Urologia. Aí sente alguma liberdade para começar a fazer um atendimento individualizado, personalizado e num espaço próprio aos doentes com ostomias. Após este passo desafiou-se a procurar parceiros, desenvolver projetos, e encontrar o meio para formalizar todas estas práticas, pegando na experiência da geração anterior de enfermeiras, que já desenvolviam a sua carreira nesta área há muitos anos, para perceber como é que se poderia dignificar esta área de cuidados, abrindo uma Consulta de estomaterapia para que os doentes do IPO de Lisboa tivessem uma porta aberta onde recorrer.

O facto de existir a Consulta permitiu que, inicialmente, pessoas que já tinham uma ostomia há mais tempo, tivessem onde recorrer, mas principalmente aos novos doentes, sentirem-se acompanhados ao longo de todo o processo. A abordagem inicial a estas pessoas passou a acontecer ainda antes da cirurgia e revelou-se fundamental para o processo pós cirúrgico porque quando tomavam consciência da sua situação, quando visualizavam o estoma pela primeira vez, já tinham tido uma preparação prévia que lhes conferia mecanismos para os ajudar a lidar mais facilmente



com a situação: *“nós não conseguimos diminuir a carga da doença oncológica, nem o impacto da cirurgia ou da ostomia, mas conseguimos ajudar com estratégias que possam facilitar a adaptação, a aceitação e a perspetivar uma vida com menos limitações do que aquele que inicialmente a pessoa imagina. É aqui que conseguimos fazer a diferença”.*

Enquanto sócia fundadora da APECE, e com outros colegas enfermeiros, percebeu que era importante trabalharem em conjunto para sistematizar os cuidados à pessoa com ostomia e contribuir para a formação dos enfermeiros em Portugal nesta área. Assim, torna-se formadora da primeira Formação Avançada em Estomaterapia que existiu primeiro na Universidade Católica em Lisboa e depois no Porto.

Em 2014, entra para os órgãos sociais da APECE e continua muito ligada a toda a área de desenvolvimento profissional do enfermeiro na área da estomaterapia: *“naquela altura senti que existia a responsabilidade estratégica de pensar a estomaterapia a nível nacional.”* É então que é convidada a participar no grupo de trabalho do Infarmed de organização dos dispositivos de ostomia que permitiria mais tarde a aprovação da comparticipação dos produtos. A par disto é nomeada pela Ordem dos Enfermeiros para fazer parte do grupo de trabalho na Direção Geral de Saúde, no departamento de Qualidade, com o objetivo de se conseguir a normalização dos processos e a definição de Boas Práticas que funcionassem como linhas orientadoras a nível nacional. A sua publicação aconteceria em 2017, e, conta-nos, que são até hoje as linhas de orientação dos enfermeiros nesta área específica.

Terminado o primeiro mandato, em 2017, é eleita Vice-Presidente da APECE, e nesta altura já com as normas publicadas e com a comparticipação dos dispositivos, sentiu que era necessário certificar e reconhecer os conhecimentos dos enfermeiros nesta área. É assim que participa, em conjunto com um grupo de trabalho promovido pela ordem dos enfermeiros, no desenvolvimento de um regulamento para as competências acrescidas em estomaterapia, publicado pela Ordem dos Enfermeiros em 2019.

Já em 2021, e em plena pandemia, é eleita Presidente, e os desafios continuam a ser mais que muitos.

Confessa que a maior responsabilidade agora é a sensibilização que a APECE tem realizado junto das instituições, para o reconhecimento das competências específicas dos enfermeiros de estomaterapia: *“não basta o enfermeiro ter a certificação de competência acrescida em estomaterapia pela Ordem se no hospital não for reconhecido como tal, se não tiver condições a, por exemplo, poder abrir uma consulta de Estomaterapia, de poder colocar ao dispor dos doentes daquela instituição o seu conhecimento e as suas competências. E este tem sido o nosso maior desafio: por um lado ter cada vez mais enfermeiros com competências certificadas, porque é o que evidencia a qualidade e a diferenciação dos cuidados, mas também tê-los reconhecidos nas suas instituições e dedicados à melhoria contínua da qualidade dos cuidados à pessoa com ostomia na instituição.”* Este é o seu maior desejo para o futuro: que todas as instituições reconheçam os enfermeiros com a certificação de competências e que possibilitem a existência de projetos nesta área, para que a pessoa com ostomia possa ter um acompanhamento transversal ao longo de todo o seu processo.

Com tantos projetos e responsabilidades, quisemos retornar à Enf.ª Cláudia enquanto pessoa e perceber como faz para poder encontrar o equilíbrio emocional fundamental nesta profissão: ***“Eu tenho uma atividade hospitalar muito intensa, do ponto de vista emocional, do ponto de vista do cuidado, da preocupação com o outro, mas depois também tenho uma família que precisa obviamente dessa mesma intensidade e dedicação.”*** O truque, explica-nos, é separar espaços e assuntos. Uma gestão que, confessa, nem sempre é fácil e que traz muitas vezes períodos de saturação. Reconhece que é necessário encontrar um equilíbrio emocional especialmente quando se está tão exposta à vulnerabilidade do outro.

“nós não conseguimos diminuir a carga da doença oncológica, nem o impacto da cirurgia ou da ostomia, mas conseguimos ajudar com estratégias que possam facilitar a adaptação, a aceitação e a perspetivar uma vida com menos limitações do que aquele que inicialmente a pessoa imagina. É aqui que conseguimos fazer a diferença”

Acrescenta ainda que apesar do foco do enfermeiro de estomaterapia ser a pessoa com ostomia, é fundamental envolver o ambiente externo ao mesmo, para que possa servir de apoio, de âncora. Conta-nos como é frequente os enfermeiros trabalharem com os cônjuges e com os filhos no sentido de dar um reforço e um acompanhamento ao doente para que este tenha a segurança no domicílio e acesso a uma continuidade aos cuidados oferecidos em ambiente hospitalar.

Antes de nos despedirmos quisemos saber o que diria à Cláudia com 20 anos que estava ainda a dar os primeiros passos na enfermagem: *“dizia-lhe que ela vai ter grandes desafios pela frente, mas que não desista porque vai chegar a bom porto. Que vá fazendo o caminho, caminhando e descobrindo a direção certa. Tive muitas incertezas, mas é essa reflexão, sobre por onde ir que nos dá certezas sobre o caminho a tomar”.*